

MONTESINHO O VELHO E O NOVO

Luísa Genésio
Instituto Politécnico de Bragança

RESUMO

A aldeia de Montesinho possui vinte e um habitantes, três crianças.

Actualmente mostra sinais de mudança no sentido da recuperação do património edificado.

De novo, o velho agricultor, com idade indefinida, reconstrói a sua casa para poder acolher visitantes. Outros projectos de renovação estão em curso (saneamento básico e pavimentação, criação de uma Escola de Artes no antigo edifício da Escola Primária, criação de um Observatório Astronómico no Museu da aldeia).

É importante definir o perímetro rural e ordenar o termo da aldeia.

A transformação de um facto físico numa experiência emocional deriva de um nível superior da nossa capacidade de abstracção. A paisagem de Montesinho é única. É arquitectura, escultura no tempo e no espaço. A paisagem não é somente o que se vê mas também a imagem que se cria e todas as referências culturais associadas a essa imagem.

A paisagem pode servir de suporte a intervenções artísticas criando-se assim espaços alternativos. Serão apresentados casos paradigmáticos de Landart, intervenções modernas na paisagem.

1. Introdução

As pretensões régias do século XVIII – XIX, identificam Montesinho como sendo povoação reguenga logo no início da nacionalidade, mas que terá passado pouco depois para o domínio do Mosteiro de Moreirola (Sanábria) que a acrescentou de povoadores, segundo Abade de Baçal em 1238.

Montesinho é uma aldeia localizada junto a uma ribeira, ladeada de solos férteis usados para pequenas hortas e lameiros, abrigada pelos picos do Falgueirão. Aqui vivem trinta pessoas, entre elas três crianças que estudam em Bragança.

Os homens são agricultores pastores ocupando a pastorícia em regime de transumância uma importância vital na débil economia. As mulheres cuidam das casas das hortas e dos animais domésticos.

O território pertencente ao termo de Montesinho tem aptidão pastoril que serviu de suporte ao cabrito de Montesinho. Agricultura, lenhas, e outros usos, eram / são assegurados

pelo Vale de França, aldeia próxima. Não existe floresta nesta aldeia. Há pequenos bosques de carvalhos, urzais e giestais mais ou menos acompanhados de lameiros e alguns soutos.

Montesinho atravessou outras fases económicas com a exploração mineira, a exploração do planalto de serra com batata de semente, o carvão vegetal. A florestação dos baldios durante o Estado Novo impediu o uso pastoril desses terrenos e teve como consequência uma forte emigração.

Os fogos florestais acabaram por reduzir a cinzas a floresta mal instalada. O que resta, são pinheiros doentes.

Na década de 80 é criado o Parque Natural de Montesinho e a Cooperativa Agrícola de Montesinho que inicia a exploração das pastagens de altitude.

É também na década de 80 que se inicia o projecto do Aproveitamento Hidráulico do Alto Sabor com objectivos de abastecimento de água à cidade de Bragança, produção de energia hidroeléctrica e irrigação de 900 hectares de solo agrícola (França, Rabal, Baçal), uso da barragem para recreio e educação ambiental.

Na década de 90 a aldeia é frequentemente procurada por visitantes que vêm passar uns dias. De novo, o velho agricultor adapta o seu espaço para novos usos. A aldeia está em obras. O saneamento, a pavimentação e o arranjo de estradões estão em curso. O velho de Montesinho percebeu que precisa dinamizar a vida da sua aldeia com actividades mais lucrativas que a agricultura ou a pastorícia. Apostou a título privado na recuperação das suas casas e palheiros para oferecer a turistas. Paralelamente alguns residentes em Bragança, encontram aqui as suas residências secundárias.

A aldeia não é um cenário de um estar desaparecido animado por figurantes contratados para mostrar como era antigamente.

A aldeia oferece aos turistas a sua imagem de património rural, a riqueza das suas construções tradicionais, a forma sábia como se implantam no terreno, a relação com a paisagem envolvente. Oferece a possibilidade dos visitantes fazerem percursos pedestres pelas imediações, tomando contacto com a paisagem e todos os seus elementos. Eram os velhos percursos dos boieiros e carvoeiros.

A aldeia tem em curso outros projectos, como a instalação de um Observatório Astronómico no Museu, a reabilitação da Antiga Escola Primária para uma Escola de Artes onde os materiais locais serão tratados artisticamente.

Se o turismo polarizar a actividade económica futura de Montesinho será importante atrair agentes de desenvolvimento que investissem no campo, nos produtos da terra.

2. A Paisagem

A paisagem de uns não é a paisagem de outros.

A paisagem é um dado construído por uma percepção ela própria informada por esquemas perceptuais. A paisagem designa uma realidade, a imagem desta realidade e as referências culturais a partir das quais esta imagem se forma.

A análise paisagística baseia-se nas ciências naturais e emprega o método científico. A ciência racionaliza os discursos provocando perdas de ordem filosófica e poética na análise paisagística.

Interessa-me abordar a paisagem tomando-a como um objecto estético, entre a Ciência e a Arte.

A ambiguidade do olhar leva-nos a uma busca constante da verdade num percurso de sedução.

O que me interessa na paisagem é encantar-me com o sentido dos lugares, a sua forma, para depois os recriar noutras arquitecturas.

A necessidade do belo artístico provém das imperfeições do real .

Creio que, embora aceitando gradações, toda a forma criada pelo Homem, tende, ou deverá tender, para forma artística, caso contrário será desprovida de uma necessária totalidade, e por outro lado, que todas as formas se revestem de importância para uma organização do espaço. O design tem importância na organização do espaço. O espaço organizado é contínuo. Não pode ser organizado se for parcial.

3. Memória

Existe uma memória física na paisagem – obra do Homem.

Em zonas há muito povoadas os traços são em parte confusos e em parte sobrepostos e representam sucessivas organizações do território. Alguns são mais profundos que outros e constituem o quadro onde, muitas vezes, as novas modificações se foram inserindo ao longo dos séculos.

Uma paisagem permite estabelecer séries cronológicas e realizar uma espécie de história natural das produções humanas.

A ideia de autenticidade na conservação da paisagem não se prende a uma imagem imutável. A paisagem é por si dinâmica e feita de adições sucessivas ao longo dos tempos.

A paisagem só existe enquanto tal, se tiver um uso, se for produtiva. Se isso não acontecer, as construções transformam-se em ruínas e a vegetação cobrirá todas as marcas da presença do Homem. A questão principal não está na conservação de paisagens, a maior parte das vezes pouco produtivas, mas não à regionalização! na criação de paisagens modernas.

São necessárias soluções originais de ordenamento de paisagens. Cada caso será único, e não exemplar. Cada projecto de paisagem moderna, será uma obra de autor.

A indústria turística deformou o mais íntimo da experiência da Natureza. Os turistas não contemplam a Natureza, colecionam sítios que visitaram. Consomem paisagens. Hoje, faz-se a valorização de paisagens de uma forma voluntarista, à maneira de campanha publicitária.

A beleza da paisagem tem uma linguagem muda que não cabe em nenhum prospecto publicitário.

4. A intervenção na paisagem. A necessidade de abstracção.

A intervenção numa paisagem é um desafio para o arquitecto moderno que intua a possibilidade de criar uma nova imagem poética respeitando tudo o que existe do antigo; imagem necessariamente diferente da antiga mas que com ela esteja em consonância. Uma grande parte do prazer que em nós provoca a arquitectura vernácula provém na realidade da paisagem envolvente.

A paisagem contém elementos estruturais de uma síntese oculta do passado (p.ex. contornos das parcelas agrícolas). É necessário seleccionar da paisagem elementos estruturantes que se manterão na paisagem futura.

A permanência não consiste numa continuação directa, mas num despertar de uma forma, num novo conteúdo.

A abstracção necessária para o desenho de paisagens modernas ocupa uma larga série de gradações, desde formas fáceis de reconhecer até outras totalmente incompreensíveis. O esquematismo e as convenções são resultado da abstracção e resultam do essencial dos lugares.

Ao reunir características essenciais num só conceito artístico, a abstracção oferece-nos o meio de ordenar sistematicamente a ilimitada multiplicidade de objectos que vemos ou imaginamos.

O espaço arquitectónico resulta das interrelações dos vários elementos do desenho, e do seu grau de acentuação. A transformação de um facto físico num acontecimento arquitectónico resulta da nossa capacidade de abstracção, e constitui a solução estética do ordenamento da paisagem.

5. A Topologia na paisagem de Montesinho.

A topologia estuda a qualidade das configurações espaciais resultantes das relações de localização e posição. Interessa-se pelo estudo das propriedades qualitativas dos conjuntos de elementos territoriais e essas qualidades dependem das vizinhanças e proximidades de que gozam os elementos.

A vizinhança traduz uma identidade com significado estrutural, uma especialidade comum ou um condicionamento recíproco. Em ordenamento paisagístico a vizinhança é uma realidade na organização física e social, tem um profundo significado ecológico na percepção do habitat e implica consciência de um território comum.

Ao estudar a forma da paisagem a unidade de vizinhança depende do uso do solo, da presença de elementos de desenho dominantes (volumes, superfícies, linhas, pontos).

Na paisagem envolvente de Montesinho há várias unidades de vizinhança.

Exemplo

Em relação ao uso do solo.

- mata de pinheiros
- bosques de carvalhos e sardoais
- pequenos soutos
- matos
- lameiros
- hortas

Elementos dominantes do desenho

- **Vegetação**
- volumes

- pinheiros
- vegetação das linhas de água
- carvalhos
- soutos
- superfícies
 - matos
 - lameiros
 - hortas
- linhas
 - sebes
 - vegetação ribeirinha
- pontos
 - árvores isoladas

As formas da vegetação dentro da aldeia.

- **Geomorfología e rochas**

- volumes
 - Falgueirão e imediações
 - Serra de Nogueira
 - Serra da Sanábria
 - Castro das Galhas
 - Fragueira do Jorge
 - Castro Tameiro
- superfícies
 - expressão dos granitos
 - expressão dos xistos
- linhas
 - horizonte
 - caminhos
 - muros
 - rios
 - cumeadas
- pontos
 - pontos altos – mirantes
 - cruzamentos, de caminhos, de rios, ...
 - rochas com formas imaginárias
 - rochas arqueológicas

As pedras na aldeia – Casas. Muros. Afloramentos Rochosos.

- **Água**
 - Alto Sabor
 - barragem
 - linhas de água permanentes
 - linhas de água temporárias
 - rede de rega da aldeia
 - tanques
 - moinhos

A água na aldeia.

- **Construções de Arquitectura paisagista popular.**

As famílias de vizinhanças formais são definidas com base nos elementos formais básicos da paisagem – vegetação, rochas, água, construções.

Na paisagem podemos definir vizinhanças abertas e fechadas. Dizemos que um espaço é fechado se a vizinhança ou envolvência são confinados localmente.

A noção de vizinhança aberta implica uma extensão de envolvência do elemento, ao espaço considerado.

Exemplos

- Vizinhança fechada – Mata de pinheiros. Lameiros. Hortas. Castanheiro Monumental.
- Vizinhança aberta – Falgueirão e imediações. Castro das Gralhas e imediações. Água na barragem, rios, canais, ... Afloramentos de granito na serra e na aldeia. Pontos altos.

As vizinhanças abertas são afectadas com introdução de elementos estranhos. Assim, faz sentido a demarcação de contornos de uma vizinhança (seja ela aberta ou fechada).

Quando intervenções na paisagem não provocam estruturas novas ou seja as unidades de vizinhança mantêm-se, dizemos que a paisagem é um “fechado” para as intervenções em questão. Este conceito é importante para os problemas da permanência ou mudança de elementos estruturantes da paisagem.

Assim, a possibilidade de intervenções na paisagem sem afectar a identidade do conjunto dependerá da existência ou não de “fechados”. O essencial permanece, o transitório desaparecerá.

Quando se define uma unidade territorial (p, ex. o Figueirão), a ela própria se refere uma outra mais alargada (Serra de Montesinho) constituída pelo conjunto de elementos que, pertencendo-lhe ou não, têm com ela uma vizinhança comum.

A distribuição de elementos territoriais, relativamente a espaços que possuam padrões de unidade, admite uma avaliação na medida em que esse espaço é preenchido pela influência ou vizinhança dos elementos considerados.

Exemplo

Elementos territoriais – Castro Figueirão. Castro das Galhas. Castro Tameiro. Figueira do Jorge.

Padrão de unidade – Serra de Montesinho.

Estes elementos territoriais preenchem um espaço mais vasto, a Serra com as suas vizinhanças, constituindo um padrão de unidade.

A localização dos elementos territoriais pode ser agrupada (encontro – formações geomorfológicas) ou dispersa (isolamento – vegetação descontínua).

O contacto entre unidades espaciais ou elementos territoriais discerníveis, a forma como se ajustam as vizinhanças entre espaços territoriais com estruturas distintas, são fenómenos que têm correspondência com o conceito de fronteira.

A fronteira constitui-se como um conjunto de elementos bem definidos pela propriedade de possuírem vizinhanças que têm simultaneamente parte comum com esses agregado e com o seu complementar.

Exemplo:

Vizinhança Figueirão – Fronteira – Vizinhança bosque de carvalho.

O desenho das fronteiras afectará a imagem do conjunto; por exemplo o tratamento da orla do bosque.

A paisagem é uma sequência de elementos, lugares, acontecimentos. A percepção da paisagem implica a leitura de posições ordenadas.

A possibilidade de comparação entre objectos, forças, entidades ou quaisquer outros elementos é susceptível de lhes dar um posicionamento relativo que de algum modo os conjugue

no mesmo espaço, permitindo explorar relações entre eles. A escolha de um percursos e uma sucessão ordenada.

Exemplo:

Percurso na envolvente da aldeia:

Falgueirão. Gralhas. Tameiro. Fragueira do Jorge – Montes

Lameiros da Serra. Lama de Felgueiras. Lama Grande – Planaltos

Linhas de água – Vales

Vegetação

Construções

Aldeia

Entre estas vizinhanças é possível explorar infinitas relações.

6. A Landart

Referi já que toda a forma criada pelo Homem, tende ou deverá tender, para forma artística; caso contrário será desprovida de uma necessária totalidade, e por outro lado, todas as formas se revestem de importância para uma organização do espaço.

Formas e materiais naturais podem transformar-se em formas artísticas, criando espaços alternativos.

Os objectos artísticos relacionam-se com a paisagem através da sua localização, posição, orientação (características topológicas).

Os movimentos artísticos do século XX usaram formas gestálticas (cubos, esferas, pirâmides, planos) como objectos estéticos, o que relançou as questões topológicas.

A pureza abstracta dos objectos de arte permite uma boa integração da paisagem, recriando-se o lugar natural. Os artistas de Landart impõem uma nova geometria à paisagem, rejeitando as aproximações antropomórficas e formalistas da forma.

A paisagem é afectada pela incerteza da arte, o olhar modifica as escalas, ganhando as obras uma dimensão infinita.

A transcendência da arte está em algo que não existe na realidade e que é obra do nosso espírito .

Assim, a solução estética do ordenamento da paisagem em espaços particulares poderá tender para uma forma artística, ou uma solução de Landart.